



SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

13/06/2022

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>



Dívidas consomem 77% das famílias

Cresce o número de famílias brasileiras endividadadas, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, realizada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC). Os dados de maio mostram que 28,7% das famílias estão com as contas atrasadas. Este é o maior índice desde o início da pesquisa, em 2010.

Em abril, o percentual de inadimplentes era de 28,6%. Há um ano, em maio de 2021, o índice era de 24,3%. “As famílias estão enfrentando dificuldades para honrar suas dívidas no mês, pois já estão com o orçamento muito apertado, não só por conta das dívidas, mas também pela inflação ao consumidor acima dos 12% anuais”, informou a CNC, sobre o índice.

Ainda segundo a pesquisa da CNC, em maio, 77,4% das famílias tinham dívidas a pagar. São consideradas na pesquisa contas com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo, prestação de carro e de casa.

O percentual do mês é 9,4 pontos maior que o de um ano atrás. Segundo a CNC, a ligeira queda na quantidade de famílias endividadadas está ligada a uma redução na quantidade de famílias que têm contas a pagar e renda familiar mensal de até 10 salários mínimos (R\$ 12.120,00). Dentre essas famílias, no entanto, é maior o percentual dos que têm dívidas atrasadas e não têm condição de pagá-las: 13,1%, segundo a pesquisa.

O índice geral dos que não terão como pagar suas dívidas ficou em 10,8% em maio. Em abril, era 10,9%; em maio do ano passado, 10,5%.
Saiba mais em: CNTI, segunda-feira 13 de junho.

5% mais pobres perdem quase 34% da renda no Brasil

Conforme o levantamento, que vai além do mercado de trabalho e também analisa outras fontes de recursos, incluindo programas sociais, os 5% da população com menor renda tiveram queda de 33,9% no rendimento médio de 2020 para 2021.

De 2020 para 2021, os 5% mais pobres viram o rendimento médio domiciliar per capita recuar de R\$ 59 para R\$ 39 por mês. Vem dessa comparação a queda de 33,9%.

Segundo Brito, o que gerou quedas mais intensas entre os mais vulneráveis foi a redução ou o fim de programas de auxílio e transferências.

Entre eles, está o auxílio emergencial, criado em 2020, ano inicial da pandemia. A medida foi encerrada em 2021.

O que impediu prejuízos ainda mais intensos, pondera a pesquisadora Alessandra Brito, do IBGE, foi a retomada do mercado de trabalho, mesmo que esse movimento tenha sido insuficiente diante da crise.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sábado 11 de junho.

Desigualdade cresce no Brasil, e rendimento mensal é o menor em 10 anos

O Brasil viu diminuir o rendimento da população e aumentar a desigualdade em 2021, segundo pesquisa do IBGE divulgada nesta sexta-feira (10). Assim, “o 1% da população brasileira com renda mais alta teve rendimento 38,4 vezes maior que a média dos 50% com as menores remunerações”, destaca o instituto.

A queda foi maior para quem ganha menos.

O rendimento médio mensal domiciliar por pessoa caiu 6,9% no ano passado, para R\$ 1.353. Foi o menor valor da série histórica, iniciada em 2012, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. “Esse resultado é explicado pela queda do rendimento médio do trabalho, que retraiu mesmo com o nível de ocupação começando a se recuperar, e também pela diminuição da renda das outras fontes, exceto as do aluguel”, diz Alessandra Scalioni, analista da pesquisa.

Saiba mais em: CNTI, segunda-feira 13 de junho.

Alta de preços confunde até aplicativo que registra inflação no Brasil

"O preço informado está fora da variação permitida. Deseja continuar?" O alerta do sistema de coleta de preços da Fundação Getúlio Vargas tem aparecido com frequência nos celulares das donas de casa que ajudam a medir a inflação no país. O surto inflacionário vivido desde o início de 2021 é visto como uma distorção até mesmo pelas máquinas da fundação. Para as pessoas responsáveis pela coleta, a avaliação não é muito diferente.

"É bem assustador comparar com outra época, e não estou falando de tanto tempo atrás, e ver o quanto a gente perdeu de poder de compra", afirma Sylvia de Assis Cardoso, funcionária do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

Suas informações abastecem indicadores como os IGPs (índices gerais de preços) e o IPC-S (índice de preços ao consumidor), divulgados a cada dez dias. Também vão para o monitor da inflação, coleta diária utilizada pelo mercado financeiro para tentar projetar o IPCA, índice oficial medido pelo IBGE.

A discrepância de preços dificulta a tarefa dos responsáveis pelo índice de preços ao consumidor da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), afirma Moacir Mokem Yabiku. Ele trabalha com o IPC há mais de 40 anos, desde os tempos em que o levantamento era feito com papel e caneta.

A discrepância de preços também dificulta a tarefa dos responsáveis pelo índice de preços ao consumidor da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), afirma Moacir Mokem Yabiku. Ele trabalha com o IPC há mais de 40 anos, desde os tempos em que o levantamento era feito com papel e caneta.

Marcelo Pereira, analista técnico que trabalha na equipe do IPC há 30 anos, também destaca a dificuldade maior neste momento. "Com a inflação que estamos vivendo, a tendência é um trabalho redobrado do entrevistador para confirmar aquele preço. Demanda mais trabalho, mais cuidado. E a gente tem de ser mais minucioso com os dados que chegam do campo", afirma.

O grande número de fotos solicitadas pelo sistema na coleta da última semana —e o fato de ter tido o trabalho acompanhado pela reportagem da Folha— parecem não ter atrasado muito a entrega das informações.

Concluído o levantamento, ela permanece ainda algum tempo no hipermercado para esperar a validação dos dados e tirar dúvidas [ou mais fotos], antes de ser liberada pelo pessoal do escritório.

Antes do mercado, fez o levantamento nos postos de gasolina que estão em sua lista. Diante dos preços dos combustíveis, decide aproveitar a viagem. "Quando ela [supervisora] me liberar, vou fazer minha compra. Porque eu já passei, vi tudo e estou de carro. Assim não gasto outra gasolina."

Saiba mais em: Folha de São Paulo, segunda-feira 13 de junho.

Vestuário e eletrodomésticos puxam alta no varejo em abril ante março, diz IBGE

Quatro das oito atividades que integram o comércio varejista registraram crescimento nas vendas em abril ante março, segundo os dados da Pesquisa Mensal de Comércio divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na média global, o volume vendido subiu 0,9%, puxado pelos segmentos de vestuário e de móveis e eletrodomésticos.

Os avanços foram registrados em Móveis e eletrodomésticos (2,3%), Tecidos, vestuário e calçados (1,7%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (0,4%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (0,1%).

Na direção oposta, houve perdas em Combustíveis e lubrificantes (-0,1%), Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,1%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-5,6%) e Equipamentos e material para escritório informática e comunicação (-6,7%).

No comércio varejista ampliado, que inclui as atividades de veículos e material de construção, houve elevação de 0,7% em abril ante março.

O segmento de Veículos, motos, partes e peças registrou queda de 0,2%, enquanto Material de construção caiu 2,0%.

Saiba mais em: A Tribuna, sábado 11 de junho.